

SEQUÊNCIA DIDÁTICA

Apresentação

Nome da sequência didática: *A falar nem sempre nos entendemos*

Contexto: Estratégias para trabalhar a compreensão de um conto

Ano de escolaridade: 9º

Duração estimada: 90m (atividade 1) + 45m (atividade 2) + 45m (atividade 3) + 90 m (atividade 4)

Domínios: Leitura, Educação Literária, Gramática, Escrita e Oralidade

Objetivos: (Cf. Roteiro)

Descritores de desempenho: (Cf. Roteiro)

Conteúdos associados: (Cf. Roteiro)

Conhecimentos prévios: (Cf. Roteiro)

Roteiro de *A falar nem sempre nos entendemos*

Atividade 1: Quem conta um conto

Tarefa 1: leitura em voz alta do conto “A galinha”, de Vergílio Ferreira.

Tarefa 2: ficha de trabalho sobre as categorias da narrativa.

Domínios: Leitura e Educação Literária

Objetivos:

- Ler e interpretar textos literários;
- Utilizar procedimentos adequados à organização e tratamento da informação.

Descritores de desempenho:

- Ler expressivamente em voz alta textos variados [...];
- Ler textos narrativos [...];
- Organizar em tópicos a informação do texto;

- Ler textos literários, portugueses e estrangeiros, de diferentes épocas e de géneros diversos;
- Reconhecer e caracterizar elementos constitutivos da narrativa (estrutura; ação e episódios; personagens, narrador da 1ª e 3ª pessoa; contextos espacial e temporal);
- Analisar o ponto de vista das diferentes personagens;
- Identificar processos da construção ficcional relativos à ordem cronológica dos factos narrados e à sua ordenação na narrativa.

Conteúdos associados: acento, entoação, pausa, coerência textual.

Conhecimentos prévios: categorias da narrativa.

Descrição da atividade:

Com esta atividade, subdividida em várias tarefas, pretende-se criar situações de aprendizagem que ajudem os alunos a organizar a informação do texto, utilizando conhecimentos prévios sobre algumas categorias da narrativa (tempo, espaço, narrador, etc).

Tarefa 1: leitura em voz alta do conto

- O professor inicia o estudo do conto propondo uma reflexão sobre o provérbio “A galinha da vizinha é melhor do que a minha” (manual *Diálogos* p.40).
- O professor pede aos alunos que leiam o conto em silêncio.
- O professor solicita a alguns alunos que leiam o conto em voz alta enquanto os restantes elementos da turma acompanham a leitura.
- O professor verifica a compreensão global do texto através das intervenções dos alunos.

Tarefa 2: Ficha de trabalho sobre as categorias da narrativa. (ver anexo 1)

- O professor distribui a ficha de trabalho, esclarecendo dúvidas que possam surgir sobre cada um dos exercícios.
- O professor verifica a compreensão dos exercícios através da sua correção oral.

Atividade 2: Uma história com os tempos verbais à chinesa...¹

Domínios: Gramática; Leitura.

Objetivos:

- Explicitar aspetos fundamentais da morfologia;
- Interpretar textos de diferentes tipologias e graus de complexidade.

Descritores de desempenho:

- Identificar e conjugar verbos em todos os tempos (simples e compostos) e modos;
- Detetar elementos do texto que contribuem para a construção da continuidade e da progressão temática e que conferem coerência e coesão ao texto (conectores; organização correlativa de tempos verbais).

Conteúdos associados:

- Continuidade, progressão temática, coerência e coesão textual;
- Inferências.

Conhecimentos prévios: Conjugação verbal (tempos e modos) (1.º, 2.º e 3.º ciclos); noção de coerência e coesão textual.

Descrição da atividade:

Com esta atividade, pretende-se que os alunos reflitam sobre a importância da coesão e coerência textuais, através da utilização de expressões temporais e tempos verbais.

Tarefa 1:

- a) O professor distribui a ficha de trabalho (**ver anexo 2**), solicitando aos alunos a leitura do texto com os tempos verbais “à chinesa” e esclarece, posteriormente, algumas dúvidas que possam surgir sobre cada um dos exercícios.
- b) O professor verifica a compreensão dos exercícios através da sua correção oral.

¹ Esta atividade segue o modelo de “O dromedário, uma história com tempos verbais à chinesa”, que pode ser consultada em Viegas, 2014:224-225.

Atividade 3: Reescrita à maneira da galinha

Domínio: Escrita.

Objetivos:

- Planificar a escrita de textos;
- Redigir textos com coerência e correção linguística;
- Escrever textos diversos.

Descritores de desempenho:

- Consolidar os procedimentos de planificação de texto já adquiridos;
- Ordenar e hierarquizar a informação, tendo em vista a continuidade de sentido, a progressão temática e a coerência global do texto;
- Dar ao texto a estrutura e o formato adequados, respeitando convenções tipológicas e (orto)gráficas estabelecidas;
- Diversificar o vocabulário e as estruturas sintáticas;
- Consolidar as regras de uso de sinais de pontuação para delimitar constituintes de frase e para veicular valores discursivos;
- Utilizar, com progressiva autonomia, estratégias de revisão e aperfeiçoamento de texto, no decurso da redação.

Conteúdos associados:

- Continuidade, progressão temática, coerência e coesão textual.

Conhecimentos prévios: Texto escrito; contexto; noção de coerência e coesão textual.

Descrição da atividade:

Com esta atividade, pretende-se que os alunos reescrevam um excerto do conto, assumindo um outro ponto de vista, apelando à criatividade e respeitando o princípio da coerência textual.

Tarefa 1:

- a) O professor solicita aos alunos que reescrevam o excerto que lhes é apresentado, assumindo o ponto de vista da galinha da tia.
- b) O professor recolhe as produções escritas, para correção e avaliação.

Atividade 4: Palavra puxa palavra (trabalho de grupo- dramatização)

Domínios: Oralidade; Escrita.

Objetivos:

- Produzir textos orais corretos, usando vocabulário e estruturas gramaticais diversificados, recorrendo a mecanismos de organização e coesão discursiva;
- Redigir textos com coerência e correção linguística.

Descritores de desempenho:

- Planificar o texto oral a apresentar, elaborando tópicos a seguir na apresentação;
- Ordenar e hierarquizar a informação, tendo em vista a continuidade de sentido, a progressão temática e a coerência global do texto;
- Usar a palavra com fluência e correção, utilizando recursos verbais e não verbais com um grau de complexidade adequado ao tema e às situações de comunicação texto;
- Dar ao texto a estrutura e o formato adequados, respeitando o género indicado e as características (orto)gráficas estabelecidas.

Conteúdos associados:

- Características da fala preparada e da fala espontânea;
- Características do género presente no discurso oral;
- Continuidade, progressão temática, coerência e coesão textual;
- Tipologia textual: texto dramático;
- Estratégias discursivas (para despertar a curiosidade).

Conhecimentos prévios: Noção de coerência e coesão textual; texto oral e escrito; contexto; entoação e dicção; linguagem não verbal.

Descrição da atividade:

Nesta atividade, é proporcionada aos alunos uma situação de aprendizagem – a apresentação oral preparada- decorrente do próprio ato de escrita, que os leve a refletir sobre os mecanismos da linguagem que podem colocar ao serviço do encadeamento lógico do discurso que constroem. Esta atividade permite, também, aos alunos exercitar a sua capacidade de operacionalizar os aspetos articulatórios (dicção) e prosódicos (entoação e ritmo) que a apresentação oral de um texto dramático exige, para além dos gestos, posturas, movimentos do corpo e dos olhos.

Tarefas:

1. O professor informa que os alunos, em grupos de três elementos, vão realizar uma atividade de expressão oral preparada, decorrente do ato de escrita e que se processará em 4 fases. (**ver anexo 4**)
2. São apresentados aos alunos os objetivos da atividade: (a) dar continuidade de forma lógica e coerente, por escrito, recorrendo às características do texto dramático, às falas das personagens que ficaram em suspenso no conto; (b) representação do texto produzido, fazendo uso dos recursos expressivos (dicção) e prosódicos (entoação e ritmo) que a apresentação oral de um texto dramático exige, para além dos gestos, posturas, movimentos do corpo e dos olhos; (c) avaliar e registar, depois da escuta de cada trabalho apresentado, o desempenho de cada grupo/aluno, tendo em conta os parâmetros presentes numa grelha criada para o efeito.
3. Cada grupo organizará a sua atividade de oralidade do seguinte modo: nos primeiros 15 minutos, dá cumprimento ao objetivo (a); nos 10 minutos seguintes, dá cumprimento ao objetivo (b); nos 20 minutos finais, faz o balanço da participação de todos, oralmente.
4. Os alunos registam e avaliam o desempenho de cada grupo/aluno na grelha criada para o efeito.

BIBLIOGRAFIA FUNDAMENTAL

- AIDO, J. Pedro (s/d). *Língua Portuguesa, Oficina de Escrita Criativa*. Lisboa: Santillana.
- BUESCU, H. et al. (2015). *Programa e Metas Curriculares de Português do Ensino Básico*. Lisboa: MEC-DGE.
- COSTA, F. & MENDONÇA, L., (s/d). *Diálogos, Português 9º ano*. Porto: Porto Editora
- MAGALHÃES, G. et al. (s/d). *Actividades para Leitura Orientada, 9.º ano, 3.º ciclo*, Raiz Editora
- TOCHON, F. Victor (1995). *A língua como Projecto Didáctico*. Porto: Porto Editora.
- VIEGAS, F. (2014). *Gramática e competência: contributos para o estudo da expressão do tempo em textos de alunos*. Faculdade de Letras da Universidade do Porto (dissertação de doutoramento).
- www.dge.mec.pt/portugues: Materiais de apoio à implementação das Metas Curriculares
- Documentação facultada ao longo da Formação disponível na plataforma Moodle e em appform.pt.

ANEXOS

ANEXO 1

CASA PIA DE LISBOA

Nome: _____ Nº: _____ Turma: _____

Vais agora realizar um conjunto de atividades que te ajudarão a compreender e a organizar melhor a informação do conto “A galinha”, de Vergílio Ferreira, que acabaste de ler.

1. Ordena as seguintes sequências narrativas por ordem cronológica, numerando-as de 1 a 9.

- _____ Alargamento da discussão a outras pessoas.
- _____ Troca das galinhas.
- _____ Violência generalizada.
- _____ Ida à feira.
- _____ Nova tentativa de troca das galinhas.
- _____ Compra das galinhas.
- _____ Chegada da paz.
- _____ Nova discussão entre as duas mulheres.
- _____ Discussão sobre as galinhas.

2. Marca uma cruz na coluna adequada da tabela, distinguindo as palavras e expressões que nos informam sobre o espaço da ação e as que nos informam sobre o tempo da ação.

	O espaço da ação	O tempo da ação
1. feira		
2. a certa altura		
3. logo		
4. ainda		
5. já		
6. quando		
7. daqui para a frente		
8. rua		
9. de vez em quando		
10. entretanto		
11. finalmente		
12. há séculos		
13. taberna		
14. outro domingo		
15. desde então		
16. aldeia		
17. cadeia		
18. depois		
19. até que		
20. sala		

3. Como te deste conta, neste texto o narrador é participante, ora contando factos (narrador objetivo), ora emitindo juízos de valor (narrador subjetivo). Observa as frases retiradas do conto, assinalando com uma cruz na coluna adequada.

	Narrador objetivo	Narrador subjetivo
a. “Minha mãe e minha tia foram à feira.” (linha 1)		
b. “(...) ir visitar a D. Aurélia, que era uma pessoa importante e merecia por isso uma visita para se ser também um pouco importante.” (linhas 34-36).		
c. “(...) melhorou-se o saldo com dois mortos e vinte feridos.” (linha 109)		

4. Traça o retrato psicológico das duas personagens femininas – a mãe e a tia do narrador – escolhendo os adjetivos adequados a cada uma.

irónica; conflituosa; prestável; desconfiada; firme; pacífica; rancorosa; mesquinha; compreensiva;
invejosa; agressiva; conciliadora.

A mãe do narrador era... _____

A tia do narrador era... _____



ANEXO 1- Cenários de resposta

CASA PIA DE LISBOA

Nome: _____ Nº: _____ Turma: _____

***A galinha*, de Vergílio Ferreira**

Vais agora realizar um conjunto de atividades que te ajudarão a compreender e a organizar melhor a informação do conto que acabaste de ler.

1. Ordena as seguintes sequências narrativas por ordem cronológica, numerando-as de 1 a 9.

- ___6___ Alargamento da discussão a outras pessoas.
- ___4___ Troca das galinhas.
- ___7___ Violência generalizada.
- ___1___ Ida à feira.
- ___9___ Nova tentativa de troca das galinhas.
- ___2___ Compra das galinhas.
- ___8___ Chegada da paz.
- ___5___ Nova discussão entre as duas mulheres.
- ___3___ Discussão sobre as galinhas.

2. Marca uma cruz na coluna adequada da tabela, distinguindo as palavras e expressões que nos informam sobre o espaço da ação e as que nos informam sobre o tempo da ação.

	O espaço da ação	O tempo da ação
1. feira	X	
2. a certa altura		X
3. logo		X
4. ainda		X
5. já		X
6. quando		X
7. daqui para a frente		X
8. rua	X	
9. de vez em quando		X
10. entretanto		X
11. finalmente		X
12. há séculos		X
13. taberna	X	
14. outro domingo		X
15. desde então		X
16. aldeia	X	
17. cadeia	X	
18. depois		X
19. até que		X
20. sala	X	

3. Como deste conta, neste texto o narrador é participante,

ora contando factos (narrador objetivo), ora emitindo juízos de valor (narrador subjetivo).
Observa as frases retiradas do conto, assinalando com uma cruz na coluna adequada.

	Narrador objetivo	Narrador subjetivo
a. “Minha mãe e minha tia foram à feira.” (linha 1)	X	
b. “(...) ir visitar a D. Aurélia, que era uma pessoa importante e merecia por isso uma visita para se ser também um pouco importante.” (linhas 34-36).		X
c. “(...) melhorou-se o saldo com dois mortos e vinte feridos.” (linha 109)		X

4. Traça o retrato psicológico das duas personagens femininas – a mãe e a tia do narrador – escolhendo os adjetivos adequados a cada uma.

irónica; conflituosa; prestável; desconfiada; firme; pacífica; rancorosa; mesquinha; compreensiva;
invejosa; agressiva; conciliadora.

A mãe do narrador era... *irónica, prestável, firme, pacífica, compreensiva e conciliadora.*

A tia do narrador era... *conflituosa, desconfiada, rancorosa, mesquinha, invejosa e agressiva.*



ANEXO 2

CASA PIA DE LISBOA

Nome: _____ Nº: _____ Turma: _____

Esta história, à semelhança do conto que acabaste de ler, também fala sobre uma galinha. Foi adaptada do conto tradicional “A galinha dos ovos de ouro” e escrita com os tempos verbais “à chinesa”.

A galinha dos ovos de ouro

(uma história com os tempos verbais à chinesa...²)

Naquele dia, o camponês **estar** muito contente.

No dia anterior, ao visitar o ninho da sua galinha, **encontrar** um ovo dourado e brilhante e **dizer** à sua mulher: “Amanhã **ir** bem cedo ao galinheiro para confirmar se a nossa galinha pedrês põe mais ovos de ouro”. “Espero bem que sim! **Ir** ver que vamos ficar ricos!” **exclamar** a mulher.

Nessa noite, nem **dormir** com a excitação.

Mas agora ali **estar** ele e afinal nada **ser** como

pensar. A galinha ainda não **pôr** mais nenhum ovo reluzente e dourado! O camponês já não **suportar** estar à espera!

De cinco em cinco minutos, **repetir** para a mulher a mesma frase: “**Ser** claro que a galinha **ter** mais ovos de ouro dentro da barriga”.

Então, o camponês não **aguentar** mais, **correr** para o ninho da galinha pedrês e **abrir** a barriga da pobre criatura indefesa.

“Não é possível!” **exclamar** o camponês, incrédulo. E, logo a seguir, a mulher **desatar** a gritar: “Seu estúpido! Não devias ter feito isso!”

Quando **espreitar** para dentro da barriga da galinha, o camponês nada **encontrar** e sem ela **ficar**.

Lá diz o provérbio: “Quem tudo quer, tudo perde!”



² Atividade adaptada de “O dromedário, uma história com tempos verbais à chinesa”, in Viegas, 2014:224-225.

1. O que aconteceu aos tempos verbais, em *itálico* no texto, para dizermos que são “à chinesa”?

2. Que indicações nos dão as palavras e expressões sublinhadas no texto?

3. Mesmo com os tempos verbais “à chinesa” conseguiste compreender o texto? Porquê?

4. Completa, agora, o texto com os tempos verbais adequados dos verbos entre parênteses. Terás de os colocar no modo indicativo, nos seguintes tempos verbais: presente; pretérito perfeito; pretérito imperfeito; pretérito mais-que-perfeito (simples ou composto).

Naquele dia, o camponês _____ (*estar*) muito contente.

No dia anterior, ao visitar o ninho da sua galinha, _____ (*encontrar*) um ovo dourado e brilhante e _____ (*dizer*) à sua mulher: “Amanhã _____ (*ir*) bem cedo ao galinheiro para confirmar se a nossa galinha pedrês põe mais ovos de ouro”. “Espero bem que sim! _____ (*Ir*) ver que vamos ficar ricos!” _____ (*exclamar*) a mulher.

Nessa noite, nem _____ (*dormir*) com a excitação.

Mas agora ali _____ (*estar*) ele e afinal nada _____ (*ser*) como _____ (*pensar*). A galinha ainda não _____ (*pôr*) mais nenhum ovo reluzente e dourado! O camponês já não _____ (*suportar*) estar à espera!

De cinco em cinco minutos, _____ (*repetir*) para a mulher a mesma frase: “_____ (*Ser*) claro que a galinha _____ (*ter*) mais ovos de ouro dentro da barriga”.

Então, o camponês não _____ (*aguentar*) mais, _____ (*correr*) para o ninho da galinha pedrês e (*abrir*) a barriga da pobre criatura indefesa.

“Não é possível!” _____ (*exclamar*) o camponês, incrédulo. E, logo a seguir, a mulher _____ (*desatar*) a gritar: “Seu estúpido! Não devias ter feito isso!”

Quando _____ (*espreitar*) para dentro da barriga da galinha, o camponês nada _____ (*encontrar*) e sem ela _____ (*ficar*).

Lá diz o provérbio: “Quem tudo quer, tudo perde!”

5. O que te permitiu saber quais os tempos verbais a utilizar em cada caso?

ANEXO 2- Cenários de resposta

CASA PIA DE LISBOA

Nome: _____ Nº: _____ Turma: _____

Esta história, à semelhança do conto que acabaste de ler, também fala sobre uma galinha. Foi adaptada do conto tradicional “A galinha dos ovos de ouro” e escrita com os tempos verbais “à chinesa”.

A galinha dos ovos de ouro

(uma história com os tempos verbais à chinesa...³)

Naquele dia, o camponês **estar** muito contente.

No dia anterior, ao visitar o ninho da sua galinha, **encontrar** um ovo dourado e brilhante e **dizer** à sua mulher: “Amanhã **ir** bem cedo ao galinheiro para confirmar se a nossa galinha pedrês põe mais ovos de ouro”. “Espero bem que sim! **Ir** ver que vamos ficar ricos!” **exclamar** a mulher.

Nessa noite, nem **dormir** com a excitação.

Mas agora ali **estar** ele e afinal nada **ser** como **pensar**. A galinha ainda não **pôr** mais nenhum ovo reluzente e dourado! O camponês já não **suportar** estar à espera!

De cinco em cinco minutos, **repetir** para a mulher a mesma frase: “**Ser** claro que a galinha **ter** mais ovos de ouro dentro da barriga”.

Então, o camponês não **aguentar** mais, **correr** para o ninho da galinha pedrês e **abrir** a barriga da pobre criatura indefesa.

“Não é possível!” **exclamar** o camponês, incrédulo. E, logo a seguir, a mulher **desatar** a gritar: “Seu estúpido! Não devias ter feito isso!”

Quando **espreitar** para dentro da barriga da galinha, o camponês nada **encontrar** e sem ela **ficar**.

Lá diz o provérbio: “Quem tudo quer, tudo perde!”



³ Atividade adaptada de “O dromedário, uma história com tempos verbais à chinesa”, in Viegas, 2014:224-225.

1. O que aconteceu aos tempos verbais, em itálico no texto, para dizermos que são “à chinesa”?
Os verbos estão no Infinitivo, sem as flexões de pessoa, tempo e modo.

2. Que indicações nos dão as palavras e expressões sublinhadas no texto?
As palavras e expressões sublinhadas no texto dão-nos indicações de tempo.

3. Mesmo com os tempos verbais “à chinesa” conseguiste compreender o texto? Porquê?
Sim, porque os marcadores de tempo conferem coerência ao texto, permitindo-nos, desta forma, a construção de um sentido.

4. Completa, agora, o texto com os tempos verbais adequados dos verbos entre parênteses. Terás de os colocar no modo indicativo, nos seguintes tempos verbais: presente; pretérito perfeito; pretérito imperfeito; pretérito mais-que-perfeito (simples ou composto).

Naquele dia, o camponês estava (*estar*) muito contente.

No dia anterior, ao visitar o ninho da sua galinha, encontrara/tinha encontrado (*encontrar*) um ovo dourado e brilhante e dissera/tinha dito (*dizer*) à sua mulher: “Amanhã vou (*ir*) bem cedo ao galinheiro para confirmar se a nossa galinha pedrês põe mais ovos de ouro”. “Espero bem que sim! Vais (*Ir*) ver que vamos ficar ricos!” exclamou (*exclamar*) a mulher.

Nessa noite, nem dormiu (*dormir*) com a excitação.

Mas agora ali estava (*estar*) ele e afinal nada era (*ser*) como tinha pensado/pensara (*pensar*). A galinha ainda não tinha posto/pusera (*pôr*) mais nenhum ovo reluzente e dourado! O camponês já não suportava (*suportar*) estar à espera!

De cinco em cinco minutos, repetia (*repetir*) para a mulher a mesma frase: “É (*ser*) claro que a galinha tem (*ter*) mais ovos de ouro dentro da barriga”.

Então, o camponês não aguentou (*aguentar*) mais, correu (*correr*) para o ninho da galinha pedrês e abriu (*abrir*) a barriga da pobre criatura indefesa.

“Não é possível!” exclamou (*exclamar*) o camponês, incrédulo. E, logo a seguir, a mulher desatou (*desatar*) a gritar: “Seu estúpido! Não devias ter feito isso!”

Quando espreitou (*espreitar*) para dentro da barriga da galinha, o camponês nada encontrou (*encontrar*) e sem ela ficou (*ficar*).

Lá diz o provérbio: “Quem tudo quer, tudo perde!”

5. O que te permitiu saber quais os tempos verbais a utilizar em cada caso?
Os marcadores temporais permitiram-me saber qual o tempo verbal a utilizar.

ANEXO 3

CASA PIA DE LISBOA

Nome: _____ Nº: _____ Turma: _____

Lê com atenção o seguinte excerto do conto “A Galinha”, de Vergílio Ferreira:

(...)

- Tu podias levar-me a galinha, para não andar com ela o dia inteiro num braçado, que até se podia partir.

Minha mãe trouxe, pois, as duas galinhas na carroça do António Capador, e a minha tia ficou. E quando à tarde ela voltou da feira, foi logo buscar a sua. Minha mãe já a tinha ali, embrulhada e tudo como minha tia a deixara, e deu-lha. Mas minha tia olhou a galinha de minha mãe, que já estava exposta no aparador, e ao dar meia volta, quando se ia embora, não resistiu:

- Tu trocaste mas foi as galinhas.

Disse isto de costas, mas com firmeza, como quem se atira de cabeça. E, minha mãe pasmou, de mãos erguidas ao céu:

- Louvado e adorado seja o Santíssimo Nome de Jesus! Então eu toquei lá na galinha! Então a galinha não está ainda conforme tu ma entregaste? Então tu não vês ainda o papel dobrado? Então não estarás a ver o nó do fio?

Estavam só as duas e puderam desabafar.

- Trocaste, trocaste. Mas fica lá com a galinha, que não fico mais pobre por isso.

“A Galinha”, de Vergílio Ferreira

Uma mesma história pode ser narrada de várias e diferentes perspetivas ou estilos.

O que te propomos é que reescrevas o excerto acima transcrito, assumindo o ponto de vista da galinha da tia. O teu texto deverá ter no mínimo 140 e no máximo 190 palavras.

Deves começar assim:

- Olha, queres ver que ela me vai trocar outra vez! Esta senhora não é fácil! Agora vou naquela carroça...



ANEXO 3 – Cenário de resposta

CASA PIA DE LISBOA

Nome: _____ Nº: _____ Turma: _____

Uma mesma história pode ser narrada de várias e diferentes perspetivas ou estilos.

O que te propomos é que reescrevas o excerto acima transcrito, assumindo o ponto de vista da galinha da tia. O teu texto deverá ter no mínimo 140 e no máximo 190 palavras.

Deves começar assim:

- Olha, queres ver que ela me vai trocar outra vez! Esta senhora não é fácil! Agora vou naquela carroça...

Antes de redigires o texto, esquematiza, numa folha de rascunho, as ideias que pretendes desenvolver (planificação);

Tendo em conta a tarefa, redige o texto segundo a tua planificação (textualização);

Segue-se a etapa de revisão, que te permitirá detetar eventuais erros e reformular o texto. Para tal, consulta o conjunto de tópicos que a seguir te apresentamos:

Tópicos de revisão da Expressão Escrita	Sim	Não
Respeitei o tema proposto?		
Respeitei as características do tipo de texto solicitado?		
Selecionei vocabulário adequado e diversificado?		
Utilizei um nível de linguagem apropriado?		
Redigi frases corretas e articuladas entre si?		
Respeitei a ortografia correta das palavras?		
Identifiquei corretamente os parágrafos?		
A caligrafia é legível e sem rasuras?		

ANEXO 4

CASA PIA DE LISBOA

Nome: _____ Nº: _____ Turma: _____

Numa apresentação oral, é muito importante respeitar propriedades da voz, nomeadamente a pronúncia e a entoação, e prestar atenção à postura, entre muitos outros aspetos, que influenciam a relação entre aquele que fala e o auditório. O mesmo se passa no teatro, onde o corpo e a voz dão expressividade às palavras e acompanham os sentimentos vividos pelas personagens.



1. Lê com atenção o excerto do conto “A Galinha”, de Vergílio Ferreira, que se segue:

(...)

- Mentirosa é você.

E começou a apresentar-lhe os factos comprovativos do que afirmara e que já tinha decerto enaipados de outras ocasiões, porque não se engasgava:

- Mentirosa é você e sempre o foi. **Já quando você contou a história do Corneta, andou a dizer que...**

- Mentiroso é você, como sua mulher. **Uma vez na padaria a sua mulher disse que...**

E daí foram recuando no tempo à procura das mentiras um do outro. Estavam já chegando à infância, quando apareceu o meu tio. **Minha tia passou-lhe a palavra e começou ele.**

“A Galinha”, de Vergílio Ferreira

2. Como te deste conta, no texto existem histórias aludidas mas não contadas.

O que te propomos é que, tendo como ponto de partida as frases destacadas e as características do discurso oral, em grupo, imagines um diálogo, criando uma cena que possa ser representada, em que o pai, a tia e o tio do narrador apresentam as suas histórias e acusações. Deves, obrigatoriamente, usar as seguintes palavras e expressão: **isso; aquilo; -lhe; -lho; ali; onde; dela; e depois disso**. Escreve o teu texto dramático, seguindo as instruções abaixo indicadas.

Fase 1

- Releitura das linhas 1 a 58 do conto.
- Redação da Cena, de acordo com as seguintes instruções:

Guião da dramatização	
Indicação cénica inicial	<i>(Entre parênteses e/ou itálico)</i>
<ul style="list-style-type: none"> • informações sobre o local (na rua) e as personagens (o pai, a tia e o tio). 	
<ul style="list-style-type: none"> • em discurso direto, antecedidas da respetiva identificação (por exemplo, Pai, Tio, Tia) e acompanhadas de indicações cénicas (sobre modos de falar, tom de voz, gestos, reações, movimentações em cena...). 	Pai <i>(esbracejando e gritando):</i> - Mentirosa!

Fase 2

- Revisão de texto:
 - respeito pela estrutura indicada e pelo princípio da coerência;
 - adequação das falas das personagens às suas características.

Fase 3

- Preparação, em cada grupo, da apresentação oral do texto produzido.
- Apresentação/dramatização dos trabalhos realizados à turma.

Fase 4

- A turma faz o balanço da participação de todos os alunos, registando a sua opinião na grelha que se segue.

Avalia a apresentação oral dos teus colegas, atribuindo 1,2, 3, 4 ou 5 em cada parâmetro.

Parâmetros		Apresenta informação rigorosa e relevante. É criativo. Exprime-se com fluência, procurando cativar o auditório. Argumenta/convence.					Encadeia de uma forma lógica as suas ideias. É coerente no seu discurso.					Utiliza frases com correção gramatical. Utiliza vocabulário rico e variado. Adequa a linguagem à situação comunicativa.					Fala num tom de voz audível, num ritmo certo. É claro na exposição. Apresenta uma postura correta.					Respeita o tempo					Apreciação Global
Nº	Nome	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	
1																											
2																											
3																											
4																											
5																											
6																											
7																											
8																											
9																											
10																											
11																											
12																											
13																											
14																											
15																											
16																											
17																											
18																											
19																											
24																											

Escala de avaliação: 1- Fraco; 2- Não Satisfaz; 3 – Satisfaz; 4 – Bom; 5 – Muito Bom/ Excelente

ANEXO 4- Resultados esperados**CASA PIA DE LISBOA**

Nome: _____ Nº: _____ Turma: _____

Numa apresentação oral, é muito importante respeitar propriedades da voz, nomeadamente a pronúncia e a entoação, e prestar atenção à postura, entre muitos outros aspetos, que influenciam a relação entre aquele que fala e o auditório. O mesmo se passa no teatro, onde o corpo e a voz dão expressividade às palavras e acompanham os sentimentos vividos pelas personagens. Assim sendo, serão avaliados os seguintes aspetos:

- Apreensão crítica do significado e da intencionalidade do texto;
- Percetibilidade da pronúncia e da entoação;
- Clareza e fluência da expressão oral;
- Correção lexical, gramatical e lógica;
- Utilização de um repertório vocabular diversificado e adequado.

A galinha



Minha mãe e minha tia foram à feira. Minha mãe com o meu pai e minha tia com o meu tio. Mas todos juntos. Na camioneta da carreira. Na feira compraram muitas coisas e a certa altura minha mãe viu uma galinha e disse:

– Olha que galinha engraçada.

5 E comprou-a também. Estava agachada como se a pôr ovos ou a chocá-los. Era castanha nas asas, menos castanha para o pescoço, e a crista e o bico tinham a cor de um bico e de uma crista. Nas costas levava um corte a toda a volta para se formar uma tampa e meterem coisas dentro, porque era uma galinha de barro. Minha tia, que se tinha afastado, veio ver, estava a minha mãe a pagar depois de discutir. E perguntou quanto custava. A mulher disse que vinte mil réis, minha tia começou aos berros, que aquilo só se o fosse roubar, e a mulher vendeu-lhe uma
10 outra igual por sete mil e quinhentos. Minha mãe aí não se conformou, porque tinha regateado mas só conseguira baixar para doze e duzentos. A mulher disse:

– Foi por ser a última, minha senhora.

15 Minha tia confrontou as duas galinhas, que eram iguais, achando que a de minha mãe era diferente.

– Só se foi por ser mais cara – disse minha mãe com a ironia que pôde.

Minha tia aqui voltou a erguer a voz. Não se via que era diferente? Não se via que tinha o bico mais perfeito? E o rabo?

20 – Isto é lá rabo que se compare?

E tais coisas disse e tantas, com gente já a chegar-se, que minha mãe pôs fim ao sermão, por não gostar de trovoadas:

– Mas se gostas mais desta, leva-a, mulher.

Foi o que ela quis ouvir. Trocou logo as galinhas, mas ainda disse:

25 – Mas sempre te digo que a minha é de mais dura, basta bater-lhe assim (bateu) para se ver que é mais forte.

– Então fica com ela outra vez – disse minha mãe.

– Não, não. Trafalhices, não. Está trocada, está trocada.

30 Meu tio estava a assistir mas não dizia nada, porque minha tia dizia tudo por ele e, se dissesse alguma coisa de sua invenção, minha tia engolia-o. Meu pai



também estava a assistir, mas também não dizia nada, por entender que aquilo era assunto de mulheres. Acabadas as compras, minha mãe voltou logo com o meu pai na carroça do António Capador, que tinha ido vender um porco. Mas a minha tia ficava ainda com o meu tio, porque precisavam de ir visitar a D. Aurélia, ³⁵ que era uma pessoa importante e merecia por isso uma visita para se ser também um pouco importante. E como ficavam e só voltavam na camioneta da carreira, a minha tia pediu a minha mãe que lhe trouxesse a galinha, para não andar com ela o dia inteiro num braçado, que até se podia partir. De modo que disse:

– Tu podias levar-me a galinha, para não andar com ela o dia inteiro num ⁴⁰ braçado, que até se pode partir.

Minha mãe trouxe, pois, as duas galinhas na carroça do António Capador, e a minha tia ficou. E quando à tarde ela voltou da feira, foi logo buscar a sua. Minha mãe já a tinha ali, embrulhada e tudo como minha tia a deixara, e deu-lha. Mas minha tia olhou a galinha de minha mãe, que já estava exposta no ⁴⁵ aparador, e, ao dar meia volta, quando se ia embora, não resistiu:

– Tu trocaste mas foi as galinhas.

Disse isto de costas, mas com firmeza, como quem se atira de cabeça. E minha mãe pasmou, de mãos erguidas ao céu:

– Louvado e adorado seja o Santíssimo Nome de Jesus! Então eu toquei lá ⁵⁰ na galinha! Então a galinha não está ainda conforme tu ma entregaste? Então tu não vês ainda o papel dobrado? Então não estarás a ver o nó do fio?

Estavam só as duas e puderam desabafar.

– Trocaste, trocaste. Mas fica lá com a galinha, que não fico mais pobre por ⁵⁵ isso.

Minha mãe, cheia de compreensão cristã e de horror às trovoadas, ainda pensou em destrocá-la tudo outra vez. Mas aquilo já ia tão para além do que Cristo previra, que bateu o pé:

– Pois fico com ela, não a quisesses trocar. Só tens gosto naquilo que é dos ⁶⁰ outros.

E daqui para a frente, disseram tudo. Minha tia saiu num vendaval, desceu as escadas ainda aos berros, de modo que minha mãe teve de vir à janela dizer ⁶⁵ mais coisas. Minha tia foi indo pela rua adiante, sempre aos gritos, e de vez em quando parava, voltando-se para trás para dizer uma ou outra coisa em especial a minha mãe, que estava

à janela e lhe ia também respondendo como podia.

Até que a rua acabou e minha mãe fechou a ⁷⁰ janela. E aí começou o meu pai, quando lá longe minha tia lhe passou ao pé e meu pai

lhe perguntou o que havia e ela lhe disse ⁷⁵ o que havia, chamando mentirosa a minha mãe. Meu pai então disse:



1

Texto narrativo em prosa

– Mentirosa é você.

E começou a apresentar-lhe os factos comprovativos do que afirmara e que já tinha decerto enaipados de outras ocasiões, porque não se engasgava:

75 – Mentirosa é você e sempre o foi. Já quando você contou a história do Corneta, andou a dizer que

– Mentiroso é você, como sua mulher. Uma vez na padaria a sua mulher disse que

80 E daí foram recuando no tempo à procura das mentiras um do outro. Estavam já chegando à infância, quando apareceu o meu tio. Minha tia passou-lhe a palavra e começou ele. Mas como a coisa agora era entre homens, meu tio cerrou os punhos e disse:

– Eu mato-o, eu mato-o.

85 Meu pai, que já devia estar cansado, ficou quieto, à espera que ele o matasse. E como ficou quieto, meu tio recuou uns passos, tapou os olhos com um braço e disse outra vez:

– Foge da minha vista que eu mato-te.

Entretanto olhou em volta à espera que o segurassem. E quando calculou que tudo estava a postos para o segurarem, ergueu outra vez os punhos e avançou para o meu pai. Finalmente seguraram-no e meu tio estrebuchou a querer libertar-se para matar o meu pai. Mas lá o foram arrastando, enquanto o meu tio se voltava ainda para trás, escabujando de raiva e de ameaça.

90 E chegada a coisa a este ponto, era a altura de se formarem partidos, como sempre que há uma razão para se formarem partidos. Velhos ódios, invejas e ciúmes vieram ao de cima para um ajuste de contas. No domingo seguinte, já com vinho a empurrar, houve mesmo facadas. O Corneta tinha com o Catrelha uma questão de águas de há séculos e aproveitou. Os partidos subdividiram-se assim em grupos pelo Catrelha e pelo Corneta. Foi quando o Boia, que não gramava o Capador desde a história de um porco mal capado, adiantou na taberna que as galinhas possivelmente tinham sido trocadas por ele, que não gramava o meu tio desde uma história de mordomia do Mártir S. Sebastião. O Carapanta ouviu e foi dizer. Num outro domingo, e já entusiasmado de briol, o Capador pediu satisfações. Armou-se então um arraial cujo balanço deu três feridos com facadas, dois à paulada e um morto com um tiro de caçadeira. E desde então toda a aldeia ficou em pé de guerra. Metade da população foi metida na cadeia, mas depois de muitos interrogatórios não se passou daquilo que já se sabia e era quem tinha ficado ferido e quem tinha ficado morto. De modo que se reconstituiu a população com a libertação dos presos. E dado isso, recomeçou-se outra vez. No domingo seguinte, melhorou-se o saldo com dois mortos e vinte feridos. 100 105 110 Veio a guarda e levou a outra metade da população com um ou outro elemento da primeira metade. Mas não se melhorando o resultado das investigações, uns dois ou três meses depois voltou tudo para casa, até porque a metade que ficara



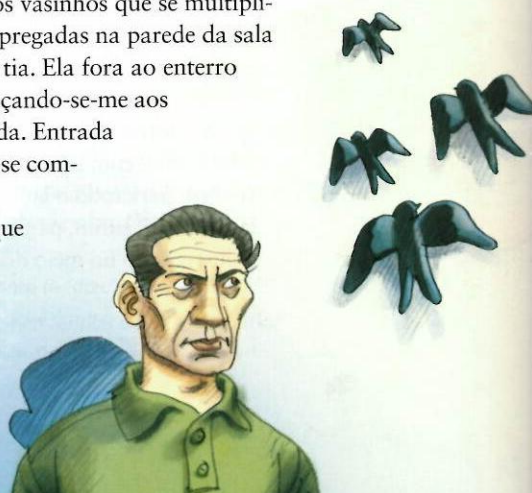
livre ia continuando o trabalho, com um saldo, aliás pouco brilhante, de cinco feridos e um moribundo. Trocadas as metades e recomeçadas as investigações
115 sem resultado, houve quem propusesse meter tudo na cadeia. Mas havia o problema dos velhos e das crianças, que precisavam dos outros e talvez estivessem inocentes, e veio tudo outra vez para a rua. Mas agora, aos domingos, a aldeia ficava coalhada de guardas. A princípio deu resultado, porque nas discussões não se passou de palavras. Até que certa vez uma pedrada anónima acertou
120 em cheio na cabeça de um agente e logo se armou uma sarrabulhada enorme, com gritos, gente a fugir e tiroteio para o ar. E como a dada altura as pedradas recomeçaram, o tiroteio recomeçou também, mas mais baixo. O saldo dessa vez foi francamente positivo, com cinco mortos e vinte feridos. E como a luta continuou, alguns habitantes, que não podiam estar à espera de que acabasse, foram
125 morrendo de morte natural. E como havia intervalos na luta com a autoridade, alguns habitantes aproveitavam para irem entre si acertando contas em atraso.

Verificada a certa altura a insuficiência da guarda, veio a tropa. Primeiro a infantaria, depois a cavalaria, esperando-se depois a artilharia. Reduzida a população a metade, também as habitações, talvez por serem desnecessárias, ficaram
130 reduzidas a metade. E quando finalmente os combatentes rarearam ou sucumbiram a uma imprevista cobardia, a luta cessou. E acabada a luta, recomeçou a paz. No meu balanço pessoal verifiquei a morte de meu tio com três facadas a uma esquina e a morte natural de meu pai, que aliás, cumprida a sua missão no barulho, se reformara logo a seguir. E alguns anos depois de se fazerem as pazes,
135 morreu minha mãe.

Como eu era o único herdeiro, dispus-me a tomar posse do que era meu. Mas por isso mesmo, a primeira coisa que entendi necessária foi arrumar a caca-
ria com que minha mãe fora adornando a casa. Antes de mais, atirei-me aos santos de toda a hierarquia celeste, porque sou ateu. Havia-os em estampas, em
140 louça, em metal. Dependurados em molduras, metidos em redomas, com ou sem lamparina. E em livros de missa, folha sim, folha não. E, escacada a santaria, dispus-me a atacar o resto. Irritavam-me sobretudo os vasilhinhos que se multiplicavam por todo o lado e umas andorinhas em louça pregadas na parede da sala de visitas. E estava eu nisto quando chegou a minha tia. Ela fora ao enterro
145 de minha mãe, fora lá a casa dar os sentimentos, abraçando-se-me aos gritos antes de eu ter tempo de uma reação apropriada. Entrada que foi agora, estava eu na tarefa da limpeza, sentou-se com-
pungida e disse:

– Olha, filho, o que lá vai lá vai e só Deus sabe o que
150 tenho chorado e rezado pela tua mãe.

Calou-se. Eu, como não tinha nada a objetar, também não disse nada. E minha tia, aproveitando o silêncio, disse:



1 Texto narrativo em prosa

– Ai!...

155 Eu continuei calado, por não haver razão para falar. Mas qualquer coisa em mim se fora preparando para o que viria, porque quando veio não me surpreendi. E o que veio foi:

– Olha, meu filho.

Minto. Antes disso, minha tia disse ainda:

160 – Ai!...

E só então, sim:

– Olha, meu filho, eu tinha uma coisa a pedir-te. Tu sabes, enfim, como foi o caso da galinha. A tua mãe, que Deus tenha...

Interrompi-a:

165 – Quer a galinha? Leve-a.

Ela teve ainda um clarão de cólera:

– Não a quero! Não quero o que é teu! Quero só, só o que é meu!

E amansou. Baixou o tom:

– Queria só que ma trocasses. Trago aqui esta.

170 E tirou-a de um cabaz, pondo-a ao pé da outra no aparador. Eu sorri:

– Leve as duas.

– Não quero o que é teu! — disse ela outra vez, alçando o tom.

Sorri outra vez também:

– Deixe então essa e leve a outra.

175 Ela agradeceu, já sossegada, de olhos baixos e virtuosos. Abri a tampa da galinha — estava cheia de estampas, carros de linha, agulhas, amostras de fazenda. E comecei a tirar. Minha tia, então, de súbito, deitou as mãos ao ventre, ergueu para mim uns olhos necessitados.

– Ao fundo do corredor — disse eu. — Veja se há papel.

180 Ela foi, eu continuei o despejo. No fundo da galinha havia uma estampa de Santa Bárbara¹. Achei piada, deixei-a ficar. Especializada em trovoadas, a santa, tê-la-ia posto ali a minha mãe? Deixei-a ficar. Minha tia regressou, mais reconciliada com a vida. Fui dentro procurar papel para o embrulho, mas ela interrompeu-me:

185 – Não é preciso.

Mal eu virara costas, empalmara logo a galinha, metera-a no cesto. Abraçou-me e chorou. Não percebi porquê — chorou. Acompanhei-a à porta, regressi à sala. Então, com um ódio reforçado, fui-me à galinha de martelo no ar. Os cacos voaram para todo o lado. Já não havia mais galinha, mas eu continuava a martelar. Até que, enfim, parei. E só então é que vi: entre a cacaria que se espalhara em volta, mesmo no meio dos destroços, estava a estampa de Santa Bárbara.

Vergílio Ferreira, *Contos*, 10.ª ed., Bertrand Ed., 2003

1. Santa Bárbara: santa cristã que costuma ser invocada para proteger das tempestades e trovoadas.

